

O BULLYING NA ESCOLA E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: ALGUMAS PONTUAÇÕES

Charlene Fite e Silva – *Pedagogia – Faculdade Araguaia – Unidade Centro*

RESUMO : Este artigo teórico faz uma discussão sobre o bullying e o processo de ensino-aprendizagem, visando compreender o reflexo deste fenômeno neste processo. Trata-se de um fenômeno que apesar de existir desde o início da vida escolar ainda é pouco conhecido e discutido cientificamente. Com a perspectiva de entender esse assunto, este trabalho busca primeiramente conhecer os aspectos conceituais e históricos do bullying relacionando-os ao espaço escolar. Em segundo, reflete sobre a importância de os pais, escolas e alunos estarem conscientes a respeito da existência desse fenômeno e de colaborarem mutuamente com o diagnóstico e ações preventivas em relação a ele, já que bullying tem forte influência sobre a aprendizagem dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE:

Bullyng; ensino; aprendizagem; escola.

Artigo Original

Recebido em: Nov/2014

Publicado em: Mar/2015

Publicação

Sistema Integrado de

Publicações Eletrônicas da

Faculdade Araguaia – SIPE

O Bullying: aspectos conceituais e históricos

Para diferenciar o fenômeno bullying das demais violências, que se manifestam em todas as esferas sociais e em diversas faixas etárias, das brincadeiras comuns entre pares, é imprescindível conhecermos primeiro o conceito de bullying. De acordo com FANTE (2012), o bullying é um fenômeno de âmbito mundial que ocorreu desde o surgimento da escola, e, ainda, permanece na atualidade. Possui suas especificidades que o difere das demais violências que ocorrem no âmbito escolar ou em outros ambientes.

Esta terminologia surgiu do termo inglês “Bully” da língua inglesa, que como substantivo quer dizer ‘tirano’, ‘valentão’ e como verbo significa ‘brutalizar’, ‘amedrontar’ ou ‘tiranizar’. Abrange as agressões verbais ou físicas que aparentemente não possuem motivo e nasce da necessidade de subjugar e mostrar poder sobre o outro, violências essas que são cometidas contra uma vítima que se apresenta insegura, inferior, introspectiva e se torna presa fácil para os agressores. Como afirma FANTE (2012) a seguir:

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela leitura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar (FANTE, 2012, p. 27).

Na visão de COSTANTINI (2004), este fenômeno não pode ser classificado como brigas ou conflitos típicos entre estudantes, mas sim como uma violação praticada por um indivíduo ou um grupo de forma intencional permeada por intimidação. Esse padrão de comportamento agressivo

distingue-se das brincadeiras e dos conflitos comuns entre estudantes. Para COSTANTINI (2004):

Trata-se de um comportamento ligado à agressividade física ou verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada (COSTANTINI, 2004, p. 69).

Na concepção do autor, há nos episódios de violência uma regularidade de intimidações, preconceitos, afrontas e humilhações físicas ou psicológicas, que são impostos a uma vítima vulnerável e incapaz de se defender. Com isso essas ações provocam isolamento, marginalização do indivíduo que recebe as agressões e um intenso sofrimento psicológico. Para SILVA (2010), esse padrão de comportamento agressivo, denominado bullying, que ocorre intencionalmente e recorrente, provocando sérios transtornos psíquicos, pode ser considerado como um fator comum nas relações interpessoais, sendo percebido e vivenciado em vários contextos, como exemplifica SILVA (2010):

Se pararmos para pensar, todos nós já fomos vítimas de um bully em algum momento de nossa vida. Os 'valentões' não estão somente nas escolas, eles podem ser encontrados em qualquer segmento da sociedade. Assim, o termo bullying pode ser adotado para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, proposital, e sistemático inerente às relações interpessoais (SILVA, 2010, p. 22).

Este fenômeno que ocorre entre vítima e agressores pode acontecer de duas formas, indireta e direta, sendo que ambas afetam a dimensão psicológica da criança e interfere

negativamente em seu desenvolvimento, conforme expõe FANTE (2012). As maneiras como ocorrem o Bullying são as seguintes: as formas diretas como as agressões físicas (bater, chutar, tomar os pertences ou qualquer outra violência expressamente física) e verbais (xingamentos, insultos, apelidos pejorativos, constrangimento). E a forma indireta, que é considerada a mais grave de todas elas, por ser sutil e difícil de dimensionar os seus impactos, refere-se aos comentários com intuito de denegrir a vítima, excluir e isolá-la do grupo. Historicamente, é possível percebermos ao longo da história que o mundo tem sido marcado pela violência de diversas formas e em vários aspectos. É o que afirma NOGUEIRA (2007) a seguir:

A violência acomete o mundo contemporâneo em todas as suas instâncias e se manifesta de variadas formas. Ela está presente em toda sociedade e não se restringe a determinados espaços, a determinadas classes sociais, a determinadas faixas etárias ou a determinadas épocas. Ela é um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da humanidade. Não se conhece nenhuma sociedade em a violência não tenha estado e esteja presente (NOGUEIRA, 2007, p. 17).

A violência é um problema que faz parte dos relacionamentos humanos, da política e dos contextos sociais de uma maneira intensa e duradoura sendo, por isso, considerada persistente, visto que não se conhece uma sociedade em que a violência de algum modo não estivesse presente.

De acordo com ARENDT (2014), faz-se necessário compreender a violência em si mesma para distingui-la de outros elementos, como o poder que muitas vezes é confundido com a violência. Para ARENDT (2014, p. 27), “o poder corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um

indivíduo.” E a violência, como outro fenômeno inerente ao ser humano, possui suas particularidades, como esclarece a seguir:

A violência é, por sua própria natureza, instrumental; como todos os meios, está sempre a procura de orientação e de justificativas pelo fim que busca. É aquilo que necessita de justificar-se através de algo mais não pode ser a essência de coisa alguma (ARENDDT, 2004, p. 32).

Como podemos observar a violência por ser um instrumento que precisa de uma justificativa ou fim para ser utilizada, distingue-se do bullying, por ser este outro fenômeno caracterizado pelo uso da violência para dominar os demais.

Conforme analisa FANTE (2012), em termos de evolução histórica, este fenômeno acompanha a escola desde o seu surgimento assim como a violência à sociedade. No entanto, inicialmente, apesar de os professores disporem de conhecimento das agressões que ocorriam no ambiente escolar, o estudo científico considerando esse fenômeno como parte da violência escolar somente veio à tona em 1970. Foi nesse momento que inicialmente, na Suécia, o interesse e a preocupação com esse fenômeno percorreu os países escandinavos.

De acordo com FANTE (2012), na Noruega, durante muitos anos havia uma grande preocupação por parte dos pais, educadores e da mídia em relação à ocorrência de um grande número de agressões que se caracterizava como bullying. Porém, até 1982 as autoridades ainda não haviam se comprometido oficialmente com o enfrentamento deste problema, como expõe FANTE (2012) abaixo:

[...] no final de 1982, um jornal noticiava o suicídio de três crianças no norte da Noruega, com idades entre 10 a 14 anos, ato que, com toda a probabilidade, foi motivado principalmente pela situação de maus-tratos a

que eram submetidas pelos seus companheiros de escola. Esse fato originou grande tensão e divulgação nos meios de comunicação, atingindo a população de maneira geral, fazendo com que o Ministério de Educação da Noruega, em 1983, fizesse uma campanha em escala nacional contra os agressores e vítimas (FANTE, 2012, p. 45).

Porém foi em 1983, que o pesquisador da Universidade de Bergen, Dan Olweus, segundo FANTE (2012), criou critérios para diagnosticar o problema de forma precisa. Em sua pesquisa procurou identificar as atitudes específicas que tipificavam o fenômeno bullying e permitiam diferenciá-lo de brincadeiras típicas do desenvolvimento de um indivíduo, como, por exemplo, as gozações e as hostilidades comuns entre crianças e jovens. Um ponto fundamental da pesquisa foi a avaliação da natureza e da ocorrência das agressões.

Este estudo constatou que, a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de bullying. Esta situação originou uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de bullying nas escolas; tal fato incentivou países, como Reino Unido, Canadá e Portugal, a promoverem campanhas de intervenção (FANTE, 2012, p. 45).

Esse foi somente o início, pois, a partir daí, na medida em que esse fenômeno tornou-se cada vez mais grave, estudos pelo mundo se tornaram frequentes. E, segundo FANTE (2012, p. 46), “[...] calcula-se que em torno de 5% a 35% de crianças em idade escolar estão envolvidas, de alguma forma, em condutas agressivas na escola, atuando como vítimas ou agressoras”.

De acordo com NOGUEIRA (2007), no Reino Unido no final da década de 1990 foram realizadas pesquisas de grandes proporções sobre este fenômeno baseados nos critérios de pesquisa elaborados por Olweus. Nas pesquisas puderam perceber, por meio de entrevistas com

6000 alunos com idade entre 11 e 16 anos, que o índice de crianças e adolescentes que participavam do bullying, como vítima ou agressor, era alarmante.

Como afirma NOGUEIRA (2007, p. 95) “Esses estudos de grandes e pequenas dimensões mostraram-nos que o bullying está bastante difundido, verificando-se no Reino Unido níveis superiores ao observado na Noruega”. Na concepção da autora, em outros países como Espanha, Itália e Portugal, onde estudos foram feitos, foi possível perceber que a prática do bullying era significativa, sendo mais frequente nos recreios, onde era difícil se detectar e punir os agressores. Na Alemanha os estudos já eram feitos especificamente para se investigar porque uma criança se tornava vítima desse padrão de comportamento agressivo, foi constatado que as vítimas tinham dificuldade em se socializar e raramente reportavam aos adultos as violências sofridas.

Segundo NOGUEIRA (2007, p. 97): “Quanto às causas que levam uma criança a tornar-se vítima foram apontadas duas categorias: uma relativa à interação e outra individual.” Na Holanda este fenômeno também ocorria em grande escala, havendo também pesquisas sobre os comportamentos antissociais e sobre o conceito de bullying a fim de analisar se o bullying era uma expressão de violência escolar. Nos Estados Unidos o fenômeno tem crescido de forma significativa e, de acordo com Fante (2012):

Os índices de sua incidência são tão altos que os pesquisadores americanos o classificam como um conflito global e prevê que se persistir essa tendência, será grande o número de jovens que se tornarão adultos abusadores e delinquentes (FANTE, 2012, p. 46).

No Brasil sabe-se da ocorrência do bullying por meio de relatos e pesquisas locais, por isso, não é possível dimensionar este problema de forma precisa e ampla. Isso porque, segundo FANTE (2012), esse fenômeno:

[...] é pouco comentado e estudado, motivo pelo qual não existem indicadores que nos forneçam uma visão global para que possam compará-lo com os demais países. O que se sabe é que em relação à Europa, no que se refere aos estudos e tratamento deste comportamento, estamos com pelo menos 15 anos de atraso (FANTE, 2012, p. 46).

Conforme Nogueira na sua tese de doutoramento em 2007, uma pesquisa feita em 2003 pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência, constatou que mais de 40% dos entrevistados estavam envolvidos na prática do bullying e que os índices de ocorrência deste padrão de comportamento nas escolas brasileiras superaram os índices europeus (NOGUEIRA, 2014). E segundo FANTE (2012, p. 46), “Com base em dados estatísticos obtidos nos mais diversos países, pode-se seguramente afirmar que o fenômeno está presente em todas as escolas do mundo”. Essa é em linhas gerais, o percurso histórico do bullying em outros países e no Brasil.

O Bullying no Espaço Escolar

Conforme citado no item anterior o Bullying é um padrão de comportamento agressivo caracterizado por repetidas agressões contra uma vítima vulnerável, ocorre no ambiente escolar desde o início da escola, como afirma FANTE (2012). Por isso, é preciso detectar as causas deste fenômeno e como ele ocorre dentro da escola, para que possamos buscar formas de prevenção e de tratamento às consequências já existentes. FANTE (2012, p. 67), afirma que em

seus trabalhos, ela observou “[...] que o bullying ocorre com maior frequência na sala de aula.” É um fenômeno que muitas vezes passa despercebido de professores, comunidade escolar e os pais, por ser confundido com as condutas típicas da idade em que se encontram os alunos em processo de formação. Um ponto importante a ser analisado para entendermos porque o bullying é algo inerente à escola, como citado acima, é explicitado por Silva (2010) quando ela afirma que a escola é uma microssociedade que reproduz, seja em maior ou menor intensidade, o que se acontece na sociedade. Para SILVA (2010), na escola:

[...] encontramos outro micromundo, uma subdivisão denominada universo dos estudantes. Infelizmente, em grande parte das escolas, sejam elas públicas ou particulares, deparamo-nos com uma hierarquia que quase reproduz os sistemas de castas das sociedades mais desiguais. No mundo dos estudantes, três classes costumam se distinguir de forma bem marcada: os populares, os neutros e os excluídos (SILVA, 2010, p. 79).

Fica então evidente que uma sociedade desigual de estudantes, tal como a exposta pela autora, encontra dificuldade para lidar com a diferença e a classe que se encontra em superioridade, no caso a dos populares, por uma questão de poder e de não saber lidar com essa superioridade frente à diferença, tende a praticar o fenômeno bullying com os considerados excluídos.

De acordo com FANTE (2012), as formas de manifestações violentas entre pares que estudam juntos, sejam como uma mera brincadeira permeada de hostilidade ou autoafirmação, são comuns e constituem uma demonstração da relação de poder que há entre eles. Isso se transforma em bullying quando um aluno que necessita afirmar sua superioridade usa de atitudes

agressivas e intimidadoras contra uma vítima que apresenta vulnerabilidade e, por isso, alimenta as atitudes do agressor. Como expõe FANTE (2012):

Caso exista na classe um agressor em potencial ou vários deles, seu comportamento agressivo influenciará nas atividades dos alunos, promovendo interações ásperas, veementes e violentas. Devido ao temperamento irritadiço do agressor e à sua acentuada necessidade de ameaçar, dominar e subjugar os outros de forma impositiva pelo uso da força, as adversidades e as frustrações menores que surgem acabam por provocar reações intensas. Às vezes, essas reações assumem caráter agressivo em razão da tendência do agressor a empregar meios violentos nas situações de conflitos. Em virtude da sua força física, seus ataques se tornam dolorosos demais. Geralmente o agressor prefere atacar os mais frágeis, pois tem certeza de poder dominá-los, porém não teme brigar com outros alunos da classe: sente forte e confiante (FANTE, 2012, p. 47-48).

Para compreendermos melhor como ocorre o bullying no ambiente escolar, é necessário sabermos que há vários protagonistas deste fenômeno segundo FANTE (2012) e cada um vivencia um papel diferente nas ocorrências deste padrão de comportamento agressivo. O agressor, como citado acima, agride fisicamente ou verbalmente uma vítima e geralmente estabelece uma relação de domínio sobre outro por demonstrar pouca empatia e usar sua força física sobre o outro e vangloriar-se dessa posição de poder. De acordo com FANTE (2012), o agressor:

[...] frequentemente, é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelos para solucionar conflitos. O agressor normalmente se apresenta mais forte que seus companheiros de classe e que suas vítimas em particular; pode ter a

mesma idade ou ser um pouco mais velho que suas vítimas; pode ser fisicamente superior nas brincadeiras, nos esportes e nas brigas, sobretudo no caso dos meninos (FANTE, 2012, p. 73).

Outro protagonista deste fenômeno é a vítima que pode ser caracterizada em três formatos: a vítima típica, que, na concepção da autora, é aquela que serve de “bode expiatório” para as maldades dos agressores, por ser um indivíduo que aparenta ser mais frágil fisicamente ou socialmente e por algum motivo não consegue se defender. FANTE (2012) explicita abaixo algumas características comuns às vítimas do bullying:

[...] aspecto físico mais frágil que o dos seus companheiros; medo de que lhe causem danos ou ser fisicamente ineficaz nos esportes e nas brigas, sobretudo, no caso dos meninos, coordenação motora deficiente, especialmente entre os meninos, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos (FANTE, 2012, p. 72).

Outro tipo de vítima é a vítima provocadora, que, de acordo com FANTE (2012), é alvo de agressões, mas geralmente provoca esse tipo de atitude por ter um gênio difícil, gostar de causar situações de tensões, que, em sua maioria, não consegue resolvê-las e acaba sendo também agredida. O último tipo é a vítima agressora, que se trata de um aluno que já foi ou é vítima de bullying e agride outros indivíduos mais frágeis que ele como forma de exteriorizar o sofrimento por ele sofrido anteriormente quando vitimado. Um participante do bullying, isto é, aquele que não o pratica, mas ainda assim faz parte do fenômeno, é o espectador.

Para FANTE (2012, p. 73): “Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor”. Esse comportamento dificulta o empreendimento de ações preventivas ou então significativas para a

minimização das consequências desse fenômeno. Para que haja atitudes eficazes de prevenção e tratamento das consequências deste fenômeno na escola, é preciso que os professores, a comunidade escolar e os pais, sejam conscientizados sobre o que é este padrão de comportamento agressivo e como podem colaborar com o enfrentamento deste processo.

Para FANTE (2012, p. 51), algo que lhe despertou a atenção foi “[...] o fato de muitos diretores negarem o fenômeno da violência existente em suas escolas, principalmente os que administram escolas particulares.” Outro ponto que tem influenciado a postura indiferente de educadores frente a esse padrão de violência, segundo a autora, é o desconhecimento sobre o que de fato caracteriza este fenômeno e suas consequências, e o entendimento de que o bullying não é um mero conflito entre alunos na busca de poder, em que alguns dominam e outros são dominados, como tem ocorrido em toda sociedade.

Na mesma concepção de FANTE (2012), Silva (2010) expõe que um fator crucial que tem alimentado a prática do bullying é a falta de informação por parte de todos que fazem parte da escola e dos pais. A questão é que tanto a escola como os pais são fundamentais no sentido de criar meios, campanhas e diálogos para o confronto com esse fenômeno, visando conscientizar seus alunos e filhos a respeito das fatídicas consequências da prática do bullying. E, assim, permitir que as crianças e adolescentes, em processo de formação, aprendam a enfrentar seus problemas, medos e diferenças, por meio de conversas e enfrentamentos saudáveis. Como afirma claramente SILVA (2010) abaixo:

[...] as instituições de ensino têm o dever de conduzir o tema a uma discussão ampla, que mobilize toda a sua comunidade (e seu entorno), para

que estratégias preventivas e imediatas sejam traçadas e executadas com o claro propósito de enfrentar a situação (SILVA, 2010, p. 162).

Com intuito de se compreender melhor o que tem colaborado para que crianças façam ou não parte do fenômeno bullying, é preciso que se ressalte a importância da estrutura familiar e o papel dos pais neste processo. A partir desta concepção para OLIVA, citado por BARBOZA e RAMOS (2012), existem quatro tipos de pais, sendo estes: os democráticos, os permissivos, os autoritários e os indiferentes.

Seguindo o perfil dos pais democráticos, teremos jovens com maior confiança em si mesmo, uma conduta condizente com a que deveríamos esperar de todos, não costumam ser motivo para problemas, têm bom desenvolvimento tanto mental quanto escolar. Estes são considerados os pais ideais, pois conseguem combinar a comunicação com a afetividade que devem dispensar aos filhos, bem como atitudes responsáveis a serem tomadas pelos mesmos. Ao contrário do que ocorre com pais indiferentes, os quais geralmente terão em seus filhos condutas condizentes com as do agressor acima citado. Jovens com esse tipo de pais provavelmente apresentarão problemas com o uso excessivo de álcool, ou drogas ilícitas, agressividade, baixo desempenho escolar e condutas antissociais, bem como baixa autoestima. Assim também poderão desenvolver-se os filhos de pais permissivos, cujo controle sobre a conduta do jovem lhes foge, desempenhando papel similar ao de filhos com pais indiferentes. Por último, temos os pais autoritários, cujos filhos provavelmente se tornarão extremamente obedientes e conformistas, tendendo ao crescerem criar um certo distanciamento dos pais. Há possibilidade de vermos nesse filho a vítima anteriormente citada, uma vez que desenvolve características como baixa autoestima e depressão (OLIVA *apud* BARBOZA; RAMOS, 2012, p. 73).

Com base nesses perfis, podemos perceber que as atitudes dos pais estão diretamente ligadas ao comportamento dos filhos em relação aos seus colegas e àqueles que estão ao seu redor, determinando assim como essas crianças e adolescentes reagirão frente ao fenômeno bullying. Portanto, de acordo com Silva (2010), e analisando os perfis de pais citados acima por Oliva (2004), é possível deduzirmos, a partir das autoras, que a escola é um espaço relacional e, conforme citado anteriormente, uma micro sociedade, dessa forma, essa instituição tem o dever de zelar pelos seus alunos possibilitando a eles experiências positivas, mantendo-se informada com o objetivo de gerar crescimento e vivências significativas em seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocorrência do fenômeno bullying nas escolas é uma realidade inegável que nos leva à reflexão e à seguinte pergunta: O bullying compromete a aprendizagem dos alunos? De acordo com FANTE (2005), a criança que é submetida às agressões que caracterizam o fenômeno bullying pode ter sérios transtornos psicossomáticos levando-a a ter bastante dificuldade para superar esse “trauma”. Na sua visão essa,

[...] experiência traumatizante orientará conscientemente o seu comportamento e a construção de seus pensamentos e de sua inteligência, gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves, além de sintomatologia e doenças de fundo psicossomático, transformando-a em um adulto com dificuldades de relacionamentos e com outros graves problemas (FANTE, 2005, p. 79 *apud* BARBOZA; RAMOS, 2012, p. 75).

Com isso, fica evidente, a partir da concepção da autora, que o aluno que vive episódios de agressões regularmente no ambiente escolar não terá a escola como um ambiente seguro e propício para sua aprendizagem e desenvolvimento, mas sim, um ambiente de medo e desconforto. Na perspectiva de FANTE (2005), viver constantemente com medo, [...] bloqueia a agressividade e o bom funcionamento mental, prejudicando as funções de raciocínio, abstração, interesse por si mesmo e pelo aprendizado, além de estender-se a outras faculdades mentais ligadas a auto percepção, concentração, autoestima e capacidade de interiorização (FANTE, 2005, p. 24 apud BARBOZA, RAMOS, 2012, p. 81).

Para compreendermos melhor as consequências e os danos que o bullying provoca na aprendizagem, é preciso sabermos como se dá o processo de ensino-aprendizagem. Para BOSSA, citado por LEMOS (2007), esse processo ocorre na relação dos fatores internos (estrutura biológica) e dos fatores externos (fatores sociais). Como explica abaixo:

[...] participa desse processo um equipamento biológico com disposições afetivas e intelectuais que interferem na forma de relação do sujeito com o meio, sendo que essas disposições influenciam e são influenciadas pelas condições socioculturais do sujeito e do seu meio (BOSSA *apud* LEMOS, 2007, p. 68).

Segundo o autor, o indivíduo se apropria de algum conhecimento, de acordo com sua estrutura física e conforme as possibilidades que o meio lhe proporciona. Por isso, o bullying (fator externo) prejudica esse processo de aprendizagem ao desestabilizar o indivíduo fisicamente e emocionalmente. Outro ponto a respeito da aprendizagem que complementa a ideia anterior é a concepção de FERNANDEZ (2007) que afirma o seguinte: “[...] para aprender é necessário que

existam vínculos de aprendizagem, que supõem a articulação com o meio, dos intercâmbios afetivos, cognitivos, orgânicos, simbólicos e virtuais” (FERNANDEZ apud LEMOS, 2007, p. 69).

14

Com isso, percebemos de acordo com a autora, que aprender é uma relação da estrutura biológica que o indivíduo possui com que ensina e com o desejo que ele tem de aprender ou conhecer algo. Sendo que nesta questão o fenômeno bullying pode transformar negativamente a forma como o sujeito se vê e vê o outro como afirmou anteriormente FANTE (2005). Outro fator que exemplifica e confirma a forte influência negativa que esse padrão de comportamento agressivo tem na aprendizagem, é que, de acordo com PAIN (2007), a dificuldade de aprendizagem não pode ser atribuída diretamente ao indivíduo e sim aos indivíduos que se encontram no processo juntamente com o sujeito que tem transtorno de aprendizagem. Nesse sentido, “[...] o não aprender é oriundo de um processo desenvolvido no âmbito no qual o sujeito está envolvido, com a participação de outras pessoas, outros desejos, outros significantes, embora a um possível fato que lhe seja atribuída a “culpa” (PAIN *apud* LEMOS, 2007, p. 7071). Após discorrer sobre a história do bullying, aspectos conceituais e o como ocorre esse fenômeno no ambiente escolar, percebemos que ele é uma realidade em nossas escolas e muitas crianças têm sido marcadas negativamente comprometendo seu desenvolvimento. E destacamos o fato de que esse fenômeno compromete o processo ensino-aprendizagem por condicionar as crianças a viverem episódios de horror, medo e angústia regularmente, o que as impedem de desejar aprender, de socializar e de desfrutar plenamente dos momentos que lhe são oferecidos numa instituição escolar para propiciar o seu desenvolvimento. E de acordo com NEGRINE citada por

LEMOS (2007, p. 73), a aprendizagem “[...] necessita de motivação como componente inerente ao processo, visto estar sempre presente como desencadeadora de ação”.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Disponível em: <http://www.libertarianismo.org/livros/harendtdv.pdf>. Acesso em 08 de set. de 2014.

BARBOZA, Anne Elyze Souza; RAMOS, André Luiz Moraes. **Bullying: um obstáculo na vida e na aprendizagem**. Disponível em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/481/328> Acesso em: 20 out. 2014.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo?: prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. São Paulo: Itália Nova, 2004.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 7. ed. Campinas: Verus, 2012.

LEMOS, Ana Carolina Mendonça. **Uma visão psicopedagógica do bullying escolar**. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/download/73.pdf> Acesso em: 20 out. 2014.

NOGUEIRA, Rosana Maria César Del Pichia de Araújo. **Violência nas escolas e juventude: um estudo sobre o bullying escolar**. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em educação: História, Política e Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?cod_Arquivo=5084 Acesso em: 06 set. 2014.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.